

UM OLHAR OUTRO

Continuando o tema das Cruzadas, iniciado no último número, lembremos, a partir do ambiente que se vivia na Europa em relação às perseguições aos peregrinos e aos lugares santos, já abordados, como foi o início das cruzadas.

Quando o Imperador de Bizâncio, Alejo Comneno, assediado pelos turcos, escreve uma carta ao conde de Flandres pedindo ajuda aos cristãos do Ocidente, ele relata as crueldades e o perigo iminente para todo o Ocidente cristão. A carta é lida também pelo Papa Urbano II, que julgou necessário haver uma ajuda bem concreta: em grande assembleia de cristãos na cidade francesa de Clermont, a 27 de Novembro de 1095, fez um discurso inflamado, em francês, cujo texto percorreu toda a Europa.

E, tendo em conta as constantes lutas entre os nobres feudais, inclinados a fazer guerra entre eles, disse o Papa: «Guerreiros cristãos, que sempre e em vão buscais pretextos para vos guerreardes, alegrai-vos porque hoje vos encontráreis diante de um pretexto verdadeiro (...). Se sois vencidos, tereis a glória de morrer no mesmo lugar onde Cristo morreu, e Deus nunca esquecerá que vos encontrou entre os batalhões sagrados (...). Soldados do inferno., convertei-vos em soldados do Deus vivo!». A resposta traduziu-se nestas palavras da multidão: «Deus o quer». E, assim, «todos estiveram de acordo em porem-se em marcha na primavera seguinte para Jerusalém. E assim o fizeram». Enormes fundos foram recolhidos para as cruzadas e enormes sacrifícios foram exigidos sobretudo à nobreza.

«Os cavaleiros da Europa coseram uma cruz ao peito e dirigiram-se para oriente por duas razões principais: Uma genérica e outra específica das cruzadas. A genérica foi a percepção de cada um da necessidade de se arrepender dos seus pecados. A específica, de actuar como cruzados, foi o desejo de libertar a Terra Santa». Tenha-se em conta que «as peregrinações a Jerusalém foram extraordinariamente frequentes durante os séculos que precederam a primeira cruzada», e alguns dos peregrinos o faziam como penitência e arrependimento de vidas nada santas, penitências às vezes «impostas» pelos confessores «por pecados especialmente horrorosos». Com efeito «milhares de pessoas viajavam todos os anos em grandes grupos; por exemplo, em 1026 um grupo de 700 pessoas da Normandia peregrinou à Terra Santa e ao longo do caminho se lhes juntaram muitos outros grupos de peregrinos».

«Finalmente, em 7 de Junho de 1099, contra todos os prognósticos, os cruzados chegaram a Jerusalém. Da Europa tinham saído aproximadamente 4.500 soldados de cavalaria e 30.000 de infantaria, mas as doenças, privações, acidentes, abandonos e a luta reduziram de tal maneira a fileira dos cruzados que só uns 1300 cavaleiros e 10.000 de infantaria chegaram a Jerusalém (...). Depois de um breve assédio, os cruzados entraram na cidade a 15 de Julho de 1099. Assim, após 460 anos de governo muçulmano, Jerusalém voltou de novo a estar sob domínio dos cristãos, mesmo que, pelos graves destroços da conquista, se tenha despovoado». Após a conquista, surgiram quatro reinos cruzados, ou estados independentes: o Condado de Edessa, assim chamado em honra da sua cidade mais importante; o Principado de Antioquia, que abarcava o território que rodeia a cidade de Antioquia, ao sul da actual Turquia; o Condado de Trípoli (...) E, finalmente, o Reino de Jerusalém, um enclave na costa da Palestina equivalente aproximadamente ao moderno Estado de Israel».

Claro que não foi nada pacífica a presença organizada dos cruzados naquelas terras conquistadas. Rodeados sempre pelos inimigos agora subjogados, eles tiveram de contar sempre com novos reforços idos da Europa, não só humanos como também materiais. Vêm deste tempo as ordens religiosas militares de cavalaria, nas quais «a disciplina monástica e a habilidade marcial se combinaram pela primeira vez no mundo cristão». Os Cavaleiros Hospitalários foram fundados inicialmente para cuidar dos peregrinos cristãos que ficavam doentes durante a sua peregrinação à Terra Santa. Por fim, a Ordem conservou o seu nome «médico», mas desde aproximadamente o ano 1120, aos votos religiosos de castidade, pobreza e obediências, acrescentaram o de prestar protecção armada aos cristãos na Palestina. Os Cavaleiros Templários foram fundados como ordem religiosa militar pelo ano 1119. «Ambas as ordens religiosas se aborreceram uma à outra intensamente, mas juntas proporcionaram ao Reino de Jerusalém uma força militar fiável de soldados bem treinados que foram capazes de construir e defender uma cadeia de castelos estrategicamente situados ao longo das fronteiras do reino».

O Prior - P. Abílio Cardoso

FESTA DA EUCARISTIA



Foram 18 as crianças que, no passado sábado, 25 de Julho, fizeram a sua Festa da Eucaristia, conhecida como Primeira Comunhão, após três anos de preparação na catequese da Paróquia. Deram assim mais um passo na sua iniciação cristã, faltando o do Crisma para se dizerem cristãos adultos na fé.

NA IMPRENSA:

Como é possível que o Presidente, o primeiro-ministro e outros responsáveis não sejam capazes de ver aquilo que nos entra pelos olhos dentro? Não, o futebol não é a vacina miraculosa para a pandemia.

Vicente Jorge Silva, Público, 21.06.2020

A força das instituições cria-se com legislação que as preserve, com funcionários dedicados, com uma população que as respeite e com dirigentes à altura.

António Barreto, Público, 21.06.2020

A Universidade de Viena investigou a relação da religiosidade com a pandemia. Os resultados mostraram que as pessoas mais religiosas utilizam estratégias mais ativas para dominar a crise. Enquanto as pessoas menos religiosas tendem a reprimi-la ou a negá-la, as mais religiosas procuram apoio social e lidam com ela de modo mais forte, mais otimista e com mais serenidade.

Anselmo Borges, Diário de Notícias, 20.06.2020

Diabéticos amputados. Doentes oncológicos por tratar. Futuras doenças oncológicas por diagnosticar. Excesso de mortalidade não explicada pela covid. Aumento de 30% dos homicídios. Velhos abandonados. Suicídios. Senilidade galopante. Depressões. Ataques às liberdades. A mentalidade da fronteira fechada. A fome que não chega à escala neorrealista por causa do Banco Alimentar. A destruição de uma geração de alunos pobres. E este o "milagre português" que Marcelo, Medina e Costa tentam esconder com este anúncio tão provinciano, o circo em Lisboa. Espero que a UEFA traga o pão.

Henrique Raposo, Expresso, 18.06.2020

A presença de violência no Antigo Testamento é inquietante porque não gostamos de nos ver ao espelho.

Bento Domingues, Público, 21.06.2020

MISSAS NO PRÓXIMO DOMINGO

Por ser dia da peregrinação à Franqueira e sendo a missa campal reservada aos representantes (três) de cada Paróquia haverá missa à saída da imagem da Igreja Matriz. Assim:

08.00 - Igreja Matriz
09.00 - Senhor da Cruz
19.00 - Igreja Matriz



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 31/32 - 02/09 de Agosto de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Vêm aí tempos de fome?

Não, não me refiro à crise económica, inevitável segundo alguns, como resultado da pandemia, que teima em nos acompanhar.

Será, até, uma ousadia para muitos prever que estes tempos de ausência de Deus poderão ter os dias contados. Concorro que é preciso ser ousado para ler alguns sinais, mesmo que ténues, de que a Humanidade está a dar-se

CARTÓRIO ENCERRADO

Por motivo de férias da nossa colaboradora, o Cartório Paroquial estará encerrado de 3 a 17 de Agosto. Para qualquer assunto poderão sempre contactar o Pároco, de preferência por SMS ou email (966201411/paroquiadebarcelos@sapo.pt).

conta do vazio espiritual e de que se desenha o «regresso» de Deus. Estamos ainda demasiado «fartos» de um Deus que «incomoda», que pede conversão pessoal, e estamos ainda «refastelados» nos ídolos que O substituíram.

Prefiro, entretanto, ler, ousada e positivamente, os ténues sinais. E é neste propósito que leio os textos da liturgia deste domingo XVIII do Tempo Comum.

Com Isaías, que diz aos exilados que regressam a Jerusalém, que Deus vem habitar com eles e com eles faz a festa do banquete da Aliança retomada, olho para o Deus da gratuidade, que Se dá incondicional e unilateralmente e para sempre. Será este Deus da gratuidade que nós, Igreja, propomos e testemunhamos? E haverá gente farta dos pães mundanos para desejar o Pão de Deus? Aquele mesmo Pão, que os apóstolos são desafiados a dar às multidões famintas? Aquele mesmo Pão, Jesus vivo e Palavra de Verdade, capaz de salvar, de libertar das escravidões, homens e mulheres sedentos de uma Verdade outra, que não a do mundo?

Sim, a missão da Igreja, como a dos apóstolos outrora, é a de dar a comer gratuitamente o Pão que Deus continua a oferecer à Humanidade. É a Sua Palavra, é a Eucaristia, é o Dom da sua Pessoa. Um Pão oferecido por Deus a todos sem excepção. E essa é a missão da Igreja, hoje como sempre. Será que esta oferta da Igreja ainda é assim percebida no mundo e na cultura que são as nossas? Como chegamos a esta «desconfiança» da acção da Igreja? E que temos de fazer para voltar a que a proposta da Igreja seja aceite como o Pão da Verdade? Não estaremos ainda cansados de ídolos, de mundanismo que, diz-se, invadiu a Igreja que, deste modo, perdeu o seu «Específico» diante do mundo, quando deixou de oferecer e testemunhar o verdadeiro Jesus, Pão que salva pela Verdade na Liberdade?

SETE PALAVRAS PARA UMA SEMANA

DEUS

Nestes tempos complexos, muitos recordaram-me um episódio particular em que sentiram a presença de Deus junto deles, uma interseção de "casos" que desenham uma mão do alto.

Tudo isto é belo e importante, mas não é um episódio de Graça que faz a diferença, mas uma relação de Graça.

Para Deus, tu és uma ideia fixa, não o capricho de um momento.

Para Deus, tu és um pensamento constante, não uma intuição passageira.

Para Deus, tu vales a sua vida, não uma palmada nas costas e vai em frente.

Deus ama-te segundo por segundo, como podes pensar que só esteve junto de ti em determinado momento do passado?

Não confundir aquilo que percecionas com a sua verdade, aquilo que sentes com a sua constância.

P. Luca Peyron, In Facebook, Trad. / edição: Rui Jorge Martins, Publicado em 20.07.2020 (SNPC)

O PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO DE D. ANTÓNIO BARROSO



Entramos na fase mais crítica do processo de beatificação. Digo crítica porque as etapas anteriores foram um compilar da

vida e da história do nosso Venerável Servo de Deus. Contudo a fase seguinte depende inteiramente de Deus e do nosso Santo.

Explico-me: para se declarar Bem-aventurado (beato) é necessário que uma graça extraordinária aconteça por parte de Deus com a intervenção de D. António. Por isso peço a todos quantos temos a devoção a D. António que lhe rezemos e lhe peçamos graças extraordinárias (milagres). Só assim a Congregação para a Causa dos Santos poderá avançar com o processo. O milagre que pedimos a Deus deverá, em princípio, ser uma cura milagrosa, uma cura que a ciência médica não consiga explicar. Este será analisado por uma junta médica de 2 médicos em Portugal e depois por outra composta por 3 médicos em Roma, só depois de analisado o processo clínico é que declaram a cura milagrosa se não encontrarem explicação científica para esta cura.

Pedia-vos, caros amigos que junto dos doentes e em nossas casas, intercedêssemos junto de Deus por D. António por algum familiar, amigo ou vizinho em situação de doença incurável. Nos hospitais da nossa área de residência, peçamos ao Capelão que distribua a pagela com a oração de D. António, façamo-lo conhecido por todos. Recordo que devem fazer chegar à postulação estas e outras graças recebidas para podermos avançar com este processo.

Peço de modo particular aos doentes que imitem o exemplo de D. António, que dando-se inteiramente, sem "ses" ou "mas", evangelizou Angola e Moçambique, doente da malária (paludismo), que mais tarde o levou à morte. Mas mesmo assim oferecendo-se num incansável trabalho por amor a Deus e à Igreja.

Queira Deus ouvir as nossas preces para que D. António Barroso possa ser reconhecido rapidamente como Bem-aventurado.

Bem-haja a todos,

P. João Pedro S. M. Bizarro, Postulador da Causa

O Prior - P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XVIII E XIX DOMINGOS DO TEMPO COMUM

Abris, Senhor, as vossas mãos e saciais a nossa fome
Mostrai-nos, Senhor, o vosso amor e dai-nos a vossa salvação

SEGUNDA, 3 – Leituras: Jer 28, 1-17
Mt 14, 22-36

09.00 (Senhor da Cruz): Helena Augusta Sampaio Falcão Martins
15.30 (Terço): Acção de graças ao Senhor da Cruz
21.00 (Matriz): Maria Luísa Sousa Nunes e familiares

TERÇA, 4 – S. João Maria Vianney
 Leituras: Jer 30, 1-2. 12-15. 18-22
Mt 15, 1-2. 10-14

09.00 (Senhor da Cruz): Maria de Lourdes Pereira
21.00 (Matriz): Maria Cardoso Ferreira (30º dia)

QUARTA, 5 – Dedicção da Basílica de Santa Maria Maior
 Leituras: Jer 31, 1-7
Mt 15, 21-28

09.00 (Senhor da Cruz): Em honra do Santíssimo Sacramento
15.30 (Terço – Intenções colectivas):
 – Maria Rodrigues Ferraz
21.00 (Matriz): Dra. Clementina Rosa Rego Graça Esteves

QUINTA, 6 – Transfiguração do Senhor
 Leituras: Dan 7, 9-10. 13-14
Mt 17, 1-9

08.00 (São José): Aurora, M.ª de Jesus e Alberto Martins
09.00 (Senhor da Cruz): Mário João (10º aniv.)
 e António Manuel F. Alves de Faria (30º dia)
15.30 (Terço): Maria Antónia Beleza Ferraz Marcelo
21.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 – Henrique Calheiros
 – David João Falcão (aniv.), esposa e filho
 – Rui António dos Santos Correia de Oliveira (30º dia)
 – Maria Aldete Miranda Alves (4º aniv.)
 – Bernardino Pereira da Costa e familiares de Teresa Carreiras

SEXTA, 7 – Ss. Sisto II, companheiros e S. Caetano
 Leituras: Naum 2, 1. 3; 3, 1-3. 6-7
Mt 16, 24-28

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
 – António Pereira
15.30 (Terço): Maria Olívia Pinheiro da Cunha, marido e neto
21.00 (Matriz): Maria Helena Pereira Viçoso de Sousa,
 marido e mãe

SÁBADO, 8 – S. Domingos
 Leituras: Hab 1, 12-2, 4
Mt 17, 14-20

09.00 (Senhor da Cruz): Maria Olívia Pinheiro da Cunha,
 marido e netos
17.30 (São José): Joaquim Gonçalves e familiares
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 – Amélia Alda Amaral Neiva
 – Maria de Lurdes Figueiredo Torres
 – Maria Eugénia Fernandes Ribeiro, filho Luís e genro Manuel
 – Licínio Pereira Ribeiro (aniv.)

DOMINGO, 9 – XIX DO TEMPO COMUM
 Leituras: 1 Reis 19, 9a. 11-13a
Rom 9, 1-5
Mt 14, 22-33

08.00 (Matriz): Pelo povo (à saída da imagem da Franqueira)
09.00 (Senhor da Cruz): Rita Gomes Ricardo
19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
 da Irmandade de Santa Maria Maior

SEGUNDA, 10 – S. LOURENÇO
 Leituras: 2 Cor 9, 6-10
Jo 12, 24-26

09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim Abilheira
15.30 (Terço): Manuel Gonçalves Coutinho
19.00 (Matriz): M.ª Gracinda Rego de Sousa Graça Esteves (2º aniv.)
 e filha Dra. Clementina Rosa

TERÇA, 11 – S. Clara
 Leituras: Ez 2, 8-3, 4
Mt 18, 1-5. 10. 12-14

09.00 (Senhor da Cruz): Laurinda Moreira
19.00 (Matriz): Roque Francisco Gonçalves Diniz (30º dia)

QUARTA, 12 – S. Joana Francisca de Chantal
 Leituras: Ez 9, 1-7; 10, 18-22
Mt 18, 15-20

09.00 (Senhor da Cruz): Rosa Delfina Pereira
 e marido Manuel Alves da Silva
15.30 (Terço – Intenções colectivas):
 – José da Silva Esteves, esposa e filhos
19.00 (Matriz): Ondina Carmen Faria Loureiro e filho

QUINTA, 13 – S. Ponciano e S. Hipólito
 Leituras: Ez 12, 1-12
Mt 18, 21-19, 1

08.00 (São José): José Narciso da Costa Alves e sogros
09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho
15.30 (Terço):
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 – Estrela Tavares da Silva
 – Manuel Ramos Semedo
 – Eleutério Leite de Sousa Perestrelo e filho José Filipe
 – Manuel Luís da Silva Pereira

SEXTA, 14 – S. Maximiliano Maria Kolbe
 Leituras: Ez 16, 1-15. 60. 63
Mt 19, 3-12

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
 – Emília Rosa de Sá (aniv.), marido e filhos
15.30 (Terço): Maria da Paz Lima Amaral e família
19.00 (Matriz): Manuel Alves da Cruz (30º dia)

SÁBADO, 15 – ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA
 Leituras: AP 11, 19a; 12, 1-6a. 10ab
1 Cor 15, 20-27
Lc 1, 39-56

09.00 (Senhor da Cruz): Em honra de Nossa Senhora
11.00 – Matriz: pelo povo e missa da padroeira
17.30 (São José): Em honra do Santíssimo Sacramento
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 – Mons. Alberto da Rocha Martins
 – Manuel Celso da Silva Cunha, pais e avós
 – Maria Laura Queirós Sendim
 – José Ferreira, esposa Isaura e filho José Luís

DOMINGO, 16 – XX DO TEMPO COMUM
 Leituras: Is 56, 1. 6-7
Rom 11, 13-15. 29-32
Mt 15, 21-28

09.00 (Senhor da Cruz): António Joaquim Vieira e esposa
11.00 (Matriz): Pelo povo
19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
 da Confraria das Almas

QUEM QUER SER «SINAL DE CONTRADIÇÃO»?

1. Ser cristão é «deixar de ser» para «passar a ser»: é deixar de ser (apenas) ele para ser Cristo nele (cf. Gál 2, 20). Assim sendo, o cristão há-de procurar ser uma espécie de «reprodutor» de Cristo: como Ele foi, assim nós devemos ser (cf. Jo 13, 15).

2. Esta disponibilidade tem de ser por inteiro. Não pode ser fatiada, às parcelas. Um Cristianismo selectivo não é um Cristianismo vivo. E, nessa medida, estará sempre longe de ser con-

3. Os cristãos de outrora – e, como eles, muitos cristãos de agora – compreenderam que, amando o mundo, Cristo entrou, frequentemente, em contradição com ele. Aliás, isso já fora vaticinado por Simeão quando Jesus ainda era Menino. Ele iria ser no mundo «sinal de contradição» (cf. Lc 2, 34).

4. Mais. Era precisamente esse «sinal de contradição» que viria a fazer d'Ele a «luz das nações» (cf. Lc 2, 32). Tenhamos presente

que, segundo um dos relatos da criação, a luz é o maior contraste frente às trevas primordiais (cf. Gén 1, 2-3). Sem essa luminosa contradição, o mundo não deixaria de ser uma mórbida obscuridade.

5. Por aqui se vê como ser cristão é também – e essencialmente – reproduzir a contradição de Cristo em relação ao mundo. Estranho seria que os cristãos incorporassem a situação do mundo e se posicionassem em contradição para com Cristo.

6. A estranheza atingiria proporções insustentáveis quando praticamente ninguém se revê no que se passa no mundo. Se não nos revemos no mundo, porque é que, tantas vezes, cedemos à tentação de absorver o mundo em vez de participar na transformação do mundo?

7. A resposta é simples. Porque queremos eximir-nos aos incómodos provocados pela contradição. Nada fazer poucos problemas traz. Permite-nos sobreviver sem grandes contratemplos. Mas, como pergunta Edgar Morin, «será que sobreviver é viver?».

8. Há que perceber que viver Cristo implica viver o Seu ser «sinal de contradição». Daí que, embora nem todos acabemos martirizados, a Igreja seja por natureza «Igreja do martírio».

9. Jesus pagou com a vida o Seu ser «sinal de contradição». A muitos dos Seus discípulos de todos os tempos e idades aconteceu o mesmo. Basta pensar no caso – não muito conhecido – do Bispo Potino de Lyon (século II). Com mais de 90 anos e já muito doente, foi brutalmente espancado e morto por se manter fiel a Cristo.

PROCLAMAS DE CASAMENTO

QUEREM CONTRAIR MATRIMÓNIO: BRUNO LOPES DE SOUSA, de 25 anos, filho de Augusto Pereira de Sousa e de Maria da Graça Lopes de Sousa, residente em Adães, com JOANA RITA FERREIRA REGO ALVES DE BRITO, de 27 anos, filha de Joaquim José Alves Brito e de Maria de Fátima Ferreira do Rego, residente em Barcelos.

«Os fiéis são obrigados a manifestar ao pároco ou ao Ordinário do lugar, antes da celebração do matrimónio, os impedimentos de que, porventura, tenham conhecimento» (Cânone 1069).

10. Também hoje e como alerta Josef Zvefina, não podemos «ser um sinal qualquer». Só é verdadeiramente cristão quem se dispuser a ser «sinal de contradição».

Pois só nesse sinal encontrará o mundo a paz e a salvação!

P. João António, In DM 4/07/2020

NAPOLEÃO CONTRA NOSSA SENHORA: O A 1!

Bonaparte tentou 'derrubar' Nossa Senhora da festa do 15 de agosto, dia do seu aniversário, mas Maria "derrubou os poderosos dos tronos"...

A minha avó costumava dizer-me: "o orgulho cega!". Lembrei-me desta frase ao pensar hoje em Napoleão Bonaparte. Este homem sempre teve Nossa Senhora como uma pessoa incómoda. A razão? O dia de seu nascimento.

Napoleão nasceu em Ajaccio no dia 15 de agosto de 1769; no mesmo dia em que Maria entrou no céu. Poucas pessoas sabem que este general, quando virou adulto, sempre que celebrava um aniversário tinha um ataque de raiva ao ter que compartilhar a sua festa com Nossa Senhora. Poderia ter ficado feliz, mas ficava zangado; minha avó realmente tinha razão ao dizer que o orgulho cega.

A irritação aumentou quando soube que, no dia da Assunção, celebrava-se o "voto de Luís XIII": este rei da França, de fato, no dia 15 de agosto de 1637 emitiu um solene decreto com o qual colocava a nação sob a proteção explícita de Maria. Também isso poderia tê-lo tranquilizado um pouco. Mas não! A França tinha que contar só com ele, génio e invencível imperador!

Depois, quando chegou a conhecer a passagem evangélica que a Igreja lia em todas as igrejas francesas, naquele dia 15 de agosto, a sua irritação transformou-se em um surto insuportável. "Deus derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes; despede os ricos de mãos vazias, enquanto enche os pobres com os seus dons". Em cada aniversário seu, Nossa Senhora arruinava a sua festa, lembrando-lhe que "Deus dispersa os soberbos nos pensamentos dos seus corações"!

Napoleão, então, teve uma ideia realmente brilhante: com decreto oficial do 19 de fevereiro de 1806 aboliu a festa da Assunção e substituiu-a pela festa de São Napoleão! Minha avó tinha razão: "O orgulho cega!". Até o Papa Pio VII protestou, declarando "inadmissível que o poder civil substitua o culto a Nossa Senhora Assunta ao Céu pelo culto de um santo inexistente, com uma interferência intolerável do poder temporal no espiritual". Mas Napoleão não ouviu ninguém!

Como acabou Napoleão? Todos sabemos. As palavras proféticas, que Maria tinha pronunciado no seu maravilhoso Magnificat, realizaram-se pontualmente também para ele! "O trono de Napoleão foi derrubado" precisamente por causa do seu orgulho e Maria, após a abdicação do imperador, em Março de 1814, retomou o seu lugar na solenidade da Assunção, também na França, para indicar o caminho da verdadeira grandeza. Então, desejo quatro coisas para a festa da Assunção ao Céu de 2015:

- 1) que os poderosos (e os prepotentes) de hoje levem muito a sério a sabedoria do Magnificat de Maria, percebendo que a humildade sempre vencerá a arrogância;
- 2) que o cristianismo volte a respirar com os seus dois pulmões; a Igreja Oriental (que vê em Maria, acima de tudo, a Mãe de Deus) e a Igreja ocidental (que vê em Maria, especialmente, a Mãe dos homens);
- 3) que a certeza de que Maria precedeu a todos nós no céu, nos faça sentir-nos filhos verdadeiros da Rainha do universo, protegidos a cada minuto da vida;
- 4) que aquela que foi a primeira a acreditar e a primeira a ressurgir no Filho, nos abrace e nos faça sentir no coração a sua "Coragem! Força! Você consegue. Eu vejo o que você não vê e sei onde tenho que te levar. Confie em mim!"

Feliz festa da Assunção!

[Retirado de www.intemirfugio.it/ traduzido ao português por ZENIT, Por Maria Corvo, In Zenit.org, 17 de Agosto de 2015]